



---

## PENSAMENTO BAKHTINIANO NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM: A AÇÃO DO PESQUISADOR COMO ATO RESPONSÁVEL

Rita de Cássia Souto Maior (UFAL)

**RESUMO:** Sob a perspectiva bakhtiniana, busca-se refletir sobre os estudos da linguagem através das noções de responsividade, ideologia, exotopia e atividade. Considera-se que o pesquisador como homem no mundo contemporâneo está inserido na pluralidade das significações dos atos e, ao vivenciar as transmutações dos valores, necessita ele mesmo construir uma postura do vir-a-ser em relação às reflexões que faz sobre os estudos da linguagem, construindo, dessa forma, um agir situado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos da linguagem, pensamento bakhtiniano, pesquisador

## BAKHTINIAN THOUGHT IN THE STUDY OF LANGUAGE: THE ACTION OF THE ACT AS RESPONSIBLE RESEARCHER

**ABSTRACT:** In this paper, we try to reflect on language studies from the bakhtin's perspective, returning to notions such as responsiveness, ideology, activity and exotopia. It is considered that the researcher as a man in today's world, feels the plurality of meanings of the acts and the very rapid transmutation of values and therefore needs to build himself an attitude of coming-to-be about their reflections about language, thus building his acting situated.

**KEYWORDS:** Studies of language, bakhtinian thought, researcher



## Introdução

A preocupação deste artigo é observar mais detidamente o papel do pesquisador em estudos da linguagem que desenvolvem seus questionamentos sobre as ações discursivas nas práticas sociais, retomando noções de responsividade, ideologia, exotopia e atividade. Com esse objetivo, busca-se observar a relação estabelecida entre pensamentos bakhtinianos e campos disciplinares de estudos da linguagem que assumem lidar com os fenômenos sociais numa perspectiva processual.

Problematiza-se, desse modo, a função social do pesquisador e, mais especificamente, do pensamento elaborado na academia nos campos disciplinares dos estudos da linguagem, considerando o conhecimento mais aprofundado desses itens como requisito essencial para o acesso à produção do conhecimento na busca da subversão da condição humana ainda tão desigual.

Considera-se *a priori* que, na práxis cotidiana, a ordem estabelecida e naturalizada por um sistema simbólico econômico-social pode ser apreendida e reorganizada para uma resignificação coletiva. Esse processo pode se concretizar a partir do agir situado do pesquisador da linguagem e através do questionamento do papel de sua autoria acadêmica.

Resgata-se, com essas reflexões, uma noção de Pesquisa Linguageira que estabeleça determinadas posturas nos encaminhamentos de suas produções e considere, em todo o processo de elaboração de pensamento, a relação intrínseca fundada entre o que se constrói na pesquisa e os sujeitos do mundo comentado nelas. Amorim (2009, p.11), nesse sentido, alerta para a complexidade do encontro com a palavra do outro que, segundo a autora, é ignorado pelas ciências humanas. Considera-se, portanto, que é necessário desvelar essa problemática para se assumir que o campo dos estudos da linguagem se torna um dispositivo reconhecidamente reprodutor de uma ordem vigente perversa. Se isso não for assumido nas práticas de pesquisa da



linguagem, o sentido ético da responsabilidade das ações humanas nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais continuará sendo uma discussão

erigida, quando muito, em murmúrios da academia e discutida, às vezes, como apêndice de uma suposta vontade voluntária de exceções à regra.

Nessa perspectiva, considera-se que a atuação discursiva do pesquisador responsivo-ativo (BAKHTIN, 2003) nos estudos da linguagem retoma os significados construídos no contexto pesquisado, revivencia seus próprios significados de mundo e os reconstrói nas reflexões teórico-práticas de uma postura assumidamente de alteridade<sup>1</sup>.

O pesquisador da responsividade é aquele que considera sempre a vida como um *vir a ser* e não como um *já dado*, como uma construção subjetiva coletiva e não como vontade intersubjetiva e, mais ainda, como responsabilidade responsiva e não como um trabalho situado fora de si mesmo. Todas essas relações citadas paralelamente e todos esses movimentos supostamente antagônicos são remissivos ao pensamento bakhtiniano e, a seguir, serão tratados com mais profundidade. A discussão se dará em três instâncias de reflexão interligadas entre si: a da responsabilidade/responsividade; a do pensamento; e a do dizer sobre a linguagem.

## **1. Responsabilidade e responsividade em Bakhtin: a escrita acadêmica como prática social**

Em "Arte e Responsabilidade", Bakhtin (2003, p. XXIII) considera que os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só encontram unidade se o sujeito os incorpora de forma una a sua própria unidade. Ele exemplifica a falta de unidade de ação quando um homem se distancia da vida, ao se nomear artista, por exemplo, e vive suas ações num mundo

---

<sup>1</sup> A noção de significado bakhtiniana extrapola o uso da palavra no sentido de que: “[...] a emoção, o juízo de valor, a expressão são estranhos à palavra da língua e surgem unicamente no processo do seu emprego vivo em um enunciado concreto. Em si mesmo o significado é uma palavra (sem referência à realidade concreta) é extraemocional” (BAKHTIN, 2003, p.292).

mecânico, externo a si, diferente daquele que vive como homem no cotidiano. Esse homem considera que quando está na arte não está na vida, e vice-versa. No entanto,

[o] indivíduo deve tornar-se inteiramente responsável: todos os seus momentos devem não só estar lado a lado na série temporal de sua vida, mas também penetrar uns nos outros na unidade da culpa e da responsabilidade (BAKHTIN, 2003, p. XXXIV).

Da mesma forma, o pesquisador dos estudos da linguagem assume posicionamentos referentes a seu dizer na academia que dialogam com o estado de vida no qual se encontra inserido.

Bakhtin (2003), ainda tratando da arte, diz que “nada de citar ‘inspiração’ para justificar a irresponsabilidade” e, num processo de deslocamento para o que aqui se problematiza, retomando o que se disse, seria possível afirmar: *nada de citar a ciência para justificar a irresponsabilidade*. Antes de demonstrar as possíveis consequências dessa postura em relação aos discursos produzidos academicamente, é necessário observar que em ambas as situações – seja na ciência, seja na arte – a preocupação se estabelece em relação à responsabilidade que o sujeito tem quando constrói seu posicionamento diante dos acontecimentos socio-linguageiros pesquisados.

Reconhece-se a importância de considerar que o que se constrói em pesquisas sobre práticas da linguagem não está à parte do social e que a inter-relação entre os campos se revela pela responsabilidade do sujeito no mundo (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004), porque só dessa maneira a atividade é ato. O sujeito, ao expressar explícita e concretamente sua ação responsável diante dos acontecimentos linguísticos, gera uma significação que correlaciona o que é sensível ao que é inteligível, principalmente porque, nesse momento, essas instâncias são de responsividade/resposta. O sujeito ao se pronunciar diante dos acontecimentos da pesquisa verbaliza também *o valor* dado ao que vê/ouve/sente e, desse modo, a depender das estratégias que ele desempenhe diante da vida – ou mesmo da consciência ou não do que essas ações



constituem na realidade vivida –, esse sujeito pode ou não ser mais ou menos atuante nessa verbalização do valor. No entanto, dependendo da postura que

ele apresenta no ato, há a *culpa* (aqui, não no sentido antagônico à noção de responsabilidade bakhtiniana).

É importante considerar que os termos responsabilidade e culpa são entendidos da forma como Bakhtin os apresenta em suas reflexões, a exemplo, expõe-se o seguinte excerto:

o poeta deve compreender que a sua poesia tem culpa pela prosa trivial da vida, e é bom que o homem da vida saiba que a sua falta de exigência e a falta de seriedade das suas questões vitais respondem pela esterilidade da arte (BAKHTIN, 2003, p.XXXIV).

E é nesse sentido que se inicia a discussão sobre o pensamento elaborado pelos pesquisadores dos estudos da linguagem e o que esses pensamentos revelam da postura do pesquisador em relação ao mundo vivido.

A vida e a ciência, parafraseando Bakhtin (2003), não devem só arcar com a responsabilidade mútua, mas também com a culpa que as interliga. O pesquisador pode incorporar no seu trabalho a compreensão– como parte da construção inteligível do que vê/ouve/sente – de que a sua produção acadêmica tem culpa pelo conhecimento difundido na vida. É interessante entender que o homem pesquisador saiba que a sua falta de exigência e sua falta de seriedade em relação a suas questões vitais e a do outro respondem pela esterilidade da ciência.

Sem a pretensão de esgotar a discussão, para a compreensão dessas reflexões é necessário perceber como a cientificidade se estabelece nas pesquisas de um modo geral. Para um estudo adquirir *status* de cientificidade, pelo menos três construtos devem ser considerados nesse processo de



produção, a saber: a) as experiências, isto é, os fatos totalizantes, sejam humanos ou naturais; b) a construção do fenômeno, que está atrelado ao olhar que é dado a esses fatos e promove, de certa forma, uma descrição sistemática da experiência; e c) o objeto, ou seja, a abstração do fenômeno, que é construído com leis internas do próprio conjunto de significação e que estipula valores dentro do sistema constitutivo (GRANGER *apud* GERALDI, 1991, p.79). É nesse sistema constitutivo do processo teórico abstrato do falar da coisa vista que o homem pode ou não instituir um mundo paralelo ao seu, mas que, por responsabilidade e culpa, relaciona-se, internamente entre si, pela unicidade de sua existência.

Observa-se que, com determinadas elaborações de conhecimento sobre a linguagem, cria-se, por vezes, outro mundo de ação *paralelo*, mundo desabitado, mundo construído por sistemas amorfos de uma essência de vida mecânica. Esse mundo, que não é o do cotidiano, que não é o mundo vivido, se retroalimenta e cria elos de significações que se relacionam às práticas vigentes por sua ligação interna. Conseqüentemente, os elos provenientes desse mundo desabitado estabelecem *verdades flutuantes* sobre a linguagem, pensamentos que são estruturados no vazio e que, no vazio, renascem e se naturalizam na sociedade. O mais negativo dessas verdades estabelecidas, sem o respaldo da vida (da prática?), é que elas seguem uma tendência a se solidificarem através da violência, da censura, da norma inflexiva, da punição. O conto do rei nu, metaforicamente, representa a situação de uma verdade criada (na história, com objetivos mesquinhos), em que seu contrário, verdade vista pelo olhar da criança, daquele que descreve o que vê, representaria o choque com a verdade institucionalizada pela monarquia (pelos interesses de um mundo paralelo e desvinculado) e desestabilizaria uma ordem fundante.

Considerem-se, por um momento, os encaminhamentos das reflexões acadêmicas sobre a condição da linguagem nas relações sociais e a ruptura que se dá, no sentido bakhtiniano, quando não há o reagrupamento necessário das extensões da vida, quando o ato não é resposta ética.



Para o pesquisador da linguagem especificamente, ao se instituir como aquele que rege um estudo, há alguns pontos a serem considerados: os interesses acadêmicos próprios, a postura esperada no meio e a sua concepção de vida. Esses pontos se reagrupam nos modelos que o pesquisador vivencia e assume ao produzir conhecimento sobre as práticas linguageiras. Esse sujeito

gera concepções de vida ao produzir seja por interesses acadêmicos próprios ou provenientes explicitamente da coletividade a que responde.

Segundo Bakhtin (2003, p.XXXIII-XXXIV), o reagrupamento só é possível ao se assumir Responsabilidade e Culpa. Desse modo, o sujeito observador pode adotar uma postura responsável e responsiva ao apropriar-se

das ideias, reconsiderá-las a um dado sistema social geral e sugerir outras conotações a serem eticamente recuperadas num todo funcional ativo em relação a suas consequências. No entanto, epistemologicamente, a complexidade de cada uma dessas etapas estabelece outras questões que aqui serão levantadas, principalmente entendendo que

nenhum ato do homem integral, nenhuma formação ideológica concreta (o pensamento, a imagem artística, até o conteúdo de um sonho) pode ser explicada e entendida sem que se incorporem as condições socioeconômicas (BAKHTIN, 2007, p.11).

Para discuti-las brevemente, em primeiro lugar, assume-se que os olhares ao objeto são múltiplos e que

[esses] vários olhares a um objeto, no mínimo, cercariam-no a ponto de se não o esgotar (já que seria incoerente com a própria característica de atualização permanente da língua, do social, da história), de o compreender nos diferentes lugares em que ele pode ser observado (SOUTO MAIOR, 2007).

Os olhares são múltiplos e não coincidem porque somos únicos ao mesmo tempo em que somos coletivos. Para Bakhtin, o sujeito é visto como

elemento ativo de cunho histórico e social, constituído pelo outro. Na linguagem, essa atividade se reflete na consideração de que os enunciados são endereçados, são construídos na dualidade primária do eu e do outro. Como considera Bakhtin (2003, p.301):

Um traço essencial (constitutivo) do enunciado é o seu *direcionamento* a alguém, o seu *endereçamento*. À diferença das unidades significativas da língua – palavras e orações –, que são impessoais, de ninguém e a ninguém estão endereçadas, o enunciado tem autor (e, respectivamente, expressão, do que já falamos) e destinatário. Esse destinatário pode ser um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural, pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo, os contemporâneos, os correligionários, os adversários e inimigos, o subordinado, o chefe, um inferior, um superior, uma pessoa íntima, um estranho, etc.; ele também pode ser um *outro* totalmente indefinido, não concretizado (em toda sorte de enunciados monológicos de tipo emocional).

Sendo assim, o que o pesquisador da linguagem constrói é resposta ativa de sua constituição. Considera-se, desse modo, que o excedente de visão daquilo que observa tem relação direta com o que, em determinado estudo, é produto de observação de outro, e isso será discutido mais adiante. Por hora, pode-se assumir que a proposta metodológica bakhtiniana dos estudos da linguagem, se assim puder ser chamada, é da visão do produto em processo. Esse fenômeno de pesquisa, chamado acima de produto em processo, estabelece relação direta com o que ficou à margem no recorte de dados para que houvesse focalização. Essa abertura inerente ao objeto da linguagem corresponde à consideração de que o que *sobrou* da retirada do objeto, para a visualização em foco, é contexto da imagem e deve ser considerado na produção acadêmica, na descrição dos fenômenos. A possibilidade dessa consideração é a própria abertura que se dá às verdades ali instituídas a título de resultado de pesquisa sobre a linguagem.

Em seus primeiros textos, Bakhtin discute a dimensão da complementaridade e o conceito de *exotopia*. Bakhtin usará o conceito de





exotopia e excedente de visão para falar de sua perspectiva epistemológica e da visão de pesquisa em seus escritos. Esses termos traduzem a unidade de imagem entre o que se retrata de alguém e o que esse alguém retrata de si mesmo e, de modo inverso, o que o outro complementa da imagem que não consigo captar de mim. A constituição do eu se dá do ponto de vista do outro, pois ele não pode se ver inteiramente, fora de si, e, desse modo, o outro é necessário para completar sua percepção subjetiva. Logo, o princípio de exotopia diz respeito ao fato de que só um outro pode dar acabamento a um

eu, assim como só o eu pode dar acabamento a um outro. Nesse desdobramento de olhares, a partir de pontos externos ou de ângulos de visão, se estabelece o processo a partir do qual o sujeito se complementa em algo que ele nunca poderá ver na sua totalidade.

O excedente de visão permite a exotopia que, por sua vez, é complementar apenas na alteridade, na sua relação com o outro e é desse

modo que a diferença, o não-eu, faz parte de mim e do mundo em que o *eu* age. Bajtin (1997) remete o sujeito a dois centros de valores que constituem os momentos concretos dessa condição. Segundo o autor:

A vida conhece dois centros de valor que são fundamental e essencialmente diferentes, embora correlacionados um com o outro: eu e o outro; e é em torno desses centros que todos os momentos concretos do ser se distribuem e se arranjam (BAJTIN, 1997, p.79).<sup>2</sup>

Os momentos em que efetivamente as ações surgem no mundo vivido são resultados dos arranjos e descentramentos dessas duas instâncias do ser. Pensa-se que, nas pesquisas da linguagem, de postura dialógica, essa afirmação e suas consequências permitem ao pesquisador olhar para si no outro e vice-versa. Na complementaridade discursiva dessas pesquisas, fala-se

---

<sup>2</sup> Cf. o trecho original: “La vida conoce dos mundos axiológicos por princípios diferentes, pero relacionados entre si: el yo e el outro, y en torno a estos dos centros se distribuyen y se disponen todos los momentos concretos del ser”. (BAJTIN, 1997, p. 79. Tradução nossa).

em postura dialógica porque o princípio dialógico decorre, em certo sentido, da exotopia.

A responsabilidade do pesquisador, dessa forma, está na captação não só de parte dessas duas imagens (da dele mesmo que vê o outro e da imagem do sujeito de pesquisa que se vê), como também da captação da terceira imagem que é a da construção teórica discursiva, encontro das duas primeiras, que está inexoravelmente contagiada do olhar de fora, do outro que lhe dá sentido e acabamento. Esses olhares instauram entre pesquisador e pesquisado “uma relação de alteridade fundamental, que emerge de uma diferença de lugar na construção do saber”. (AMORIM, 2001, p. 31).

Desse modo, o caráter das pesquisas sobre a linguagem se delineia num quadro em que o sujeito, como ser social e histórico, trata de explicar e compreender o desenvolvimento da vida humana (dele mesmo, do outro e daquele constituído na pesquisa), e responde conscientemente a essas imagens, assumindo-as nos encaminhamentos que promove com seu discurso institucional.

Por fim, é necessário que se compreenda que a fusão irrestrita e coletiva desses elementos, revela-se concretamente em trabalhos que circulam na sociedade, como discurso oficial ou como discurso do senso comum. Na seção seguinte, serão discutidos os processos de elaboração da palavra na sociedade sobre a linguagem e sua relação responsável com a vida cotidiana.

## **2. O pensamento elaborado**

“A palavra dirige-se a um interlocutor” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004, p.112, grifos do autor). O pensamento elaborado está ligado à dinâmica de interação estabelecida entre os interlocutores. O que se enuncia não é construído como fato individual e, como sustenta Bakhtin, é dialogicamente fundado. Ora, se o discurso é um produto da interação social, os discursos são construídos e transformados continuamente na relação entre os sujeitos. Pensar essa relação é fundamental na produção responsável acadêmica sobre



os estudos da linguagem pois, ao se constituir na interação social situada, o sujeito pesquisador torna-se outro neste acontecimento. A apropriação do discurso de que o sujeito se vale para se subjetivar no momento da interlocução não é consciência de um homem isolado, antes é impregnado, repleto de vozes ideológicas, visto que, nas palavras de Bakhtin (2007, p.78):

O que é a consciência de um homem isolado senão a ideologia do seu comportamento? [...] A ideologia mente para aquele que não é capaz de penetrar no jogo de forças materiais objetivas que se escondem por detrás dela.

O registro desse momento de apropriação da palavra do outro como sua, na produção dos gêneros acadêmicos, está interligado inexoravelmente com o porvir de outros discursos, não apenas pelas características de remissividade que essa produção promove, isso apenas aumenta a possível explicitude dessa interdiscursividade, mas também pela construção coletiva que essa pressupõe.

É necessário reconhecer essa condição de vir-a-ser no mundo das produções acadêmicas sobre os estudos da linguagem, considerá-las como acontecimentos do cotidiano que produzem “lentas acumulações quantitativas de mudança” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004, p.41) e assumi-las como um

complexo processo de formulação responsável de um ato/discurso. A citação abaixo expõe e problematiza a participação do sujeito no mundo que, sendo subjetiva e singular, faz-se como atividade transformadora para si mesmo:

O mundo no qual o ato realmente transcorre é um mundo uno e único vivenciado de maneira concreta. É visto, ouvido, sentido e pensado, impregnado, por completo, de tons volitivo-emocionais de uma validade axiológica positivamente concretizada. A unicidade una deste mundo – unidade cuja origem não é o conteúdo semântico, mas sim o que é da ordem volitivo-emocional – é garantida para a realidade mediante o reconhecimento de minha participação singular, do meu não-álibi no ser. Esta minha participação inaugura um dever concreto: o de realizar toda unicidade entendida como a

unicidade absolutamente insubstituível da existência, com respeito a todo o momento deste ser. Ou seja, minha participação transforma cada manifestação por mim realizada – sentimento, desejo, estado de espírito, pensamento – em um ato meu, ativo e responsivo.<sup>3</sup>

Essa atividade *como meu ato* se estabelece no momento em que produzo academicamente e afirmo características, interligações, constituições da linguagem na sociedade. Mesmo tendo a ciência da interdiscursividade de minhas palavras, assumo a voz singular em acumulações de significados e essas podem ser pequenas práticas de vida que talvez ainda não se constituam completamente como ideologias institucionalizadas. Essas pequenas práticas, consideradas também como ideologias (do cotidiano), reestruturam o futuro de um presente a se constituir, na prática escriturística de um trabalho acadêmico. Como nos demais conceitos bakhtinianos, há movimento constante na composição dos sistemas ideológicos, que apresentam estabilidade e instabilidade em seu acontecimento. Pode-se falar de *minha ideologia*, da *ideologia do outro* e, nesse caso, estamos tratando da interpretação prosaica do conceito, entendido nesses trechos como ideia. No entanto, essa compreensão, mesmo que do senso comum, resgata o processo de concretude da construção ideológica ao se explicitar como ideia, como palavra.

A ideologia, na concepção bakhtiniana (2003, 2004), aflora nas trocas dialógicas e somente como expressão estabilizada de um momento selecionado se torna aparentemente visível ao estudioso. Em todo caso, mesmo nessa visibilidade aparente, as relações ideológicas passam pelo crivo

---

<sup>3</sup> Cf. o trecho original: “El mundo en el cual el acto realmente transcurre y se lleva a cabo, es un mundo unitario y singular vivenciado en forma concreta: es visto, oído, palpado y pensado, impregnado por completo de tonos emocionales y volitivos de una validez axiológica positivamente firmada. La singularidad unitaria de este mundo, unidad cuyo origen no es el contenido semántico, sino que es de orden emocional y volitiva, es garantizada para la realidad mediante el reconocimiento de mi participación singular, de mi *no coartada* en el ser. Esta mi participación inaugura un deber ser concreto: el de realizar toda singularidad entendida como la singularidad absolutamente irrestañable de la existencia, con respecto a todo momento de este ser, o sea, mi participación transforma cada manifestación mia - sentimiento, deseo, estado de ánimo, pensamiento - en un acto mio, activo y responsable” (BAJTIN, 1997, p. 63. Tradução nossa).



do tempo em três estados a se instituir: o do tempo vivido, o do tempo de agora e o do porvir.

Nesse sentido, é importante que se introduza nesta discussão, mesmo que não aprofundadamente, uma breve questão sobre o tempo e os estudos da linguagem. O tempo é uma categoria importante por se considerar que os trabalhos acadêmicos que refletem sobre ações de linguagem, grosso modo, recuperam um passado teórico (mesmo que recontextualizado), observam um dado situado no tempo (presente ou passado) e projetam suas reflexões para encaminhamentos (discurso para o futuro, para desdobramentos), seja questionando o dado analisado, seja ratificando/valorando o processo analisado para a validação de sua continuidade. Esse sistema acadêmico de escrita nos gêneros científicos, apesar de redutor, explicita o trabalho com o

tempo que se opera, sempre numa perspectiva de linearidade cronológica. As projeções exemplificadas, por sua vez, registram o discurso do porvir e as reestruturações provenientes desse discurso. A noção de dialogismo nos remete ao caráter mutável do signo e, pensando dessa forma, reconsidera-se o papel da palavra (ideológica, portanto estável e instável) no tempo.

A palavra como suporte linguístico de todas as mudanças registra pequenos movimentos discursivos, como foi dito acima, ou, segundo o próprio Bakhtin (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004, p.41), registra “as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais”. No entanto, ela, como fenômeno linguístico, também se constitui como porvir, num passado dado, construído no presente, com as representações que o pesquisador assume hoje. Novamente o tempo, ou sua passagem simultânea, se estabelece como nicho das mudanças e repetições. A ideologia, pelo signo, reorganiza, regula e subverte as relações humanas e, conseqüentemente, as que se estabelecem na pesquisa. Se o signo é tido como *arena onde se desenvolve a luta de classes*, pode-se dizer que a escritura acadêmica é impregnada pelos confrontos ideológicos que constituem os signos.



É nesse sentido que a responsabilidade de uma produção que reflete sobre a linguagem e sua condição – ou a resposta em atividade que o pesquisador gera com as reflexões teóricas apresentadas em seus estudos –, encontra-se aqui em questão. Sem adiantar a discussão, recuperando ainda a noção de atividade, pode-se rever o termo *atividade* na acepção proveniente de *aktivnost*, que, em nota, o tradutor da obra *Estética da Criação Verbal* (2003), Paulo Bezerra, apresenta como participação ativa (em contraponto com *deiátiel'nost*, que estaria para *ocupação em alguma coisa*). Essa reconsideração não causa estranhamento nos leitores das obras do Círculo, pois, na visão panorâmica das categorias discutidas por Bakhtin, não poderia ser diferente. Logo, agora retomando o que estava sendo posto a respeito da resposta ativa (porque em atividade participativa) das reflexões sobre a linguagem, surge o reconhecimento de que o trabalho do pesquisador nessa área é uma ação individual/coletiva que reestrutura a revisitação do mundo, abrindo para outras formas de conhecimento da vida, a instituição de outras visões responsivas.

Nesse sentido, ainda, é imprescindível destacar que não se trata da valorização de uma determinada prática de pesquisa em detrimento de outra, pois se considera, por exemplo, que um estudo pode extrapolar a visão valorativa mercadológica das ações humanas, mas não ignorá-las ou considerar que seu registro não se encontra impregnado desse valor.

Assumir a compreensão teórica, reformulada a partir da noção temporal ideológica e do reconhecimento das associações sociais, reativa novas ações acadêmicas no mundo e outros valores germinados na escrita. Só dessa forma, os gêneros acadêmicos são construções responsáveis. Complementa-se essa reflexão com o dizer de BAJTIN (1997, p.116.) ao ponderar que

As valorações aparecem não como emoções individuais, mas como atos totalmente necessários e consequentes. As emoções individuais, por outro lado, só podem acompanhar o tom



principal da valoração social em sua qualidade de matiz, ou seja, um 'eu' só pode se realizar na palavra se se apoia no nós.<sup>4</sup>

Não obstante, o pesquisador dos estudos da linguagem constrói em suas práticas de investigação perspectivas de vidas variadas, consonantes e/ou dissonantes com a ordem vigente e chamada reguladora. Desse modo, considera-se que resultados de pesquisas são retratos de uma realidade construída e, por isso, esboços de realidades para o futuro. Logo, a visão de pesquisa que quer instituir, com selos institucionais, interpretações unívocas das *coisas no mundo* não responde à diversidade de conhecimento e ao respeito acadêmico da pluralidade de sentidos.

A pesquisa que reflete sobre a linguagem, portanto, não tem um destinatário passivo, cuja única função se resume em compreender/apreender o dito; sua atitude em relação ao discurso do pesquisador é sempre responsiva

ativa e materializa-se na sua resposta (externa ou interna). Ao descrever, analisar e valorar pesquisa sobre a linguagem, o sujeito da academia re-estrutura, dialogicamente, os acontecimentos, sem se desprender da responsabilidade de suas ações/palavras. Com isso, há um agir esperado que depende não só do que esse sujeito fala do mundo de ontem e de hoje como também do que ele espera do mundo de amanhã.

### 3. O dizer do pesquisador ao nomear coisas no mundo

Bakhtin foi um dos filósofos da linguagem que melhor apresentou metodologicamente a flexibilização da visão sobre a linguagem. Ele define sua

---

<sup>4</sup> Cf. o trecho original: “Las valoraciones sobreentendidas aparece entonces no como emociones individuale, sino como actos totalmente necesarios e consecuentes. Las emociones individuales, en cambio, sólo pueden acompañar el tono principal de La valoración social em su calidad de *matices*: um ‘yo’ solo puede realizarse em La palabra si se apoya em ‘nosotros’”. BAJTIN (1997, p.116. Tradução nossa).

análise sobre o pensamento (seja ele assumido na literatura, seja na linguística, seja na psicologia etc.) pela exclusão de denominações como *análise linguística, filológica* etc., propondo e assumindo a região limítrofe das formulações de pensamento. Ele diz que o “pensamento das ciências humanas nasce como pensamento sobre pensamentos dos outros” (BAKHTIN, 2003, p.308). Nesse movimento especular do conhecimento, pergunta-se ao pesquisador da academia o quão responsável ele se torna pelos paradigmas que depreende de suas interpretações sobre as ações de linguagem. Também se questiona o grau de ativismo que ele traz no seu dizer.

Perguntar e refletir sobre essa prática de nomear as coisas do mundo, interpretá-las e demonstrá-las sistematicamente como se assim elas estivessem na observação, possibilita o olhar de novo para os valores instituídos e a assunção do estado lacunar das *certezas estabelecidas*. Esse outro dizer, conseqüentemente, possibilita a desnaturalização de práticas. Somente a possibilidade em relativizar as certezas, assumindo a fala coletiva, já propõe ao sujeito de pesquisa uma proximidade com um futuro não fatalístico.

Cavalcante (2007, p.61) diz que a luta pelo controle dos sentidos é geralmente um dispositivo de fixação desse sentido. Discursivamente, pode-se afirmar que eticidade e linguagem encontram-se na necessidade de desnaturalização do dito normativo. Considere-se, nesse ínterim, que há a pretensão de consenso nos materiais ideológicos, de aceitação de uma verdade, para o estabelecimento de *uma ordem* e Bakhtin e Volochinov, a esse respeito, dizem que

todos os índices de valor com características ideológicas, ainda que realizados pela voz dos indivíduos (por exemplo, na palavra) ou, de modo mais geral, por um organismo individual, constituem índices sociais de valor, com pretensões ao consenso social, e apenas em nome deste consenso é que eles se exteriorizam no material ideológico. (2004, p.45)

Num movimento de pluralização do que se exterioriza como material ideológico, o pesquisador, ao assumir o estado lacunar de sua pesquisa,





assume também a possibilidade autoral dos demais que estão fora dele e que exotopicamente o constituem como sujeito.

A postura assumida do agir situado, de que fala Bajtin (1997), depende intrinsecamente da constituição dos sujeitos como culpados ou responsáveis por sua ação escriturística no mundo. As situações de pesquisa de linguagem são eventos acadêmicos que, ao se instituírem na condição da possibilidade (no futuro) e da *eventicidade do ser*<sup>5</sup>, podem ser éticos e cientificamente ativos, principalmente pelo modo como o pesquisador assume ver o objeto, como o estudioso fala do seu falar desse objeto, enfim, como o representa e assume o representar. Cria-se, desse modo, um mundo de pluralidades semânticas, onde o sujeito faz e fala de seu fazer, desmistificando o seu papel na sociedade.

A imagem do pesquisador da linguagem para a comunidade em geral ainda continua sendo a do ermitão que se isola do mundo, dito mundano, e se santifica com os olhos da preciosidade. Ele, supostamente, vê o que ninguém vê. Por outro lado, o outro extremo de uma conduta salvacionista preciosista pode ser acusada de agir no *laissez-faire*, ou ainda, ser acusada de popularizar

falsa e irresponsavelmente um conhecimento especializado, desqualificando a atuação em determinadas situações. Talvez esse processo dos extremos resulte, em algum momento, o ponto dialético e situado na atividade bakhtiniana nos estudos da linguagem e é sobre isso que aqui se propõe refletir.

Retomando a discussão sobre o significado da ação de Pesquisa, e ainda dentro dessa problemática, podemos considerar, quando Bakhtin diz que todos os fenômenos da vida ao nosso redor estão vinculados a valorações, que os valores estão correlacionados com a própria existência da coletividade dada. Os valores, nesse sentido, não só podem ser reconhecidos

---

<sup>5</sup> Eventicidade do ser é entendido, aqui, a partir de Bajtin (1997; 2003), que considera o ser em processo e sem alibi no mundo.

dogmaticamente, sem que haja qualquer discussão a respeito (BAJTIN, 1997)<sup>6</sup>.

Pelo contrário,

quando a valoração principal tem que se enunciar e se demonstrar, então já se põe como duvidosa, ela veio através de seu objeto, deixou de organizar a vida e, conseqüentemente, perdeu seu vínculo com as condições de vida da coletividade dada.<sup>7</sup>

Logo, quando a construção do valor do objeto é dogmática, sem vínculo significativo com sua existência no mundo, ela é construção paralela à vida e estranha a ela. Segundo Bajtin (1997, p. 63), “uma valoração saudável permanece na vida”.<sup>8</sup> Nesse sentido, há, portanto, uma necessidade primeira, axiomática até, de considerar a refração de sentidos construídos nas pesquisas sobre a linguagem.

Rojo (2006, p.253-276) fala, especificamente, da necessidade de se ter uma *leveza de pensamento*, quando se pensa o objeto de pesquisa nos estudos da linguagem. Comparando ao excedente de visão bakhtiniano, ela afirma que, para construir uma articulação entre o ponto de vista e a apreciação valorativa sobre o problema, é necessária uma *leveza de pensamento*, que comumente é chamada de transdisciplinaridade (ROJO, 2006, p.253-276).

Partindo do que se falou até então, o olhar transdisciplinar implicaria um estudo aprofundado do foco ou dos focos de pesquisa e uma busca criadora de discussões teóricas para procura dos desvelamentos das questões de pesquisa ativadas para a incompletude. A incompletude, como desenvolvimento argumentativo do que se falou até então, funciona como desdobramento da problemática da perspectiva lacunar inerente ao dito científico que, por vezes, não assumido, reconfigura-se como verdades para

---

<sup>6</sup> Cf. o trecho original: “Si em realidade la valoración aparece condicionada por la propia existencia de un colectivo dado, suele ser reconocido dogmáticamente, como algo sobreentendido y que no está sujeto a discusión.” (BAJTIN, 1997, p.117. Tradução nossa).

<sup>7</sup> Cf. o trecho original: “cuando la valoración principal tiene que enunciarse y demostrarse, entonces ya se ha vuelto dudosa, se deparo de su objeto, deajo de organizar la vida y, conseqüente, perdió su vínculo con las condiciones de vida de la colectividad dada.” (BAJTIN, 1997, p. 117. Tradução nossa).

<sup>8</sup> Cf. o trecho original: “una valoración saludable permanece en la vida”. (BAJTIN, 1997, p. 63. Tradução nossa).



enformar (colocar em formas). Admitir, pois, a atividade científica na incompletude da área das ciências da linguagem, faz com que, na prática, a importância do preenchimento histórico e autoral construído a partir de reflexões do pesquisador seja assumida. A posse dessa autoridade assumida na formulação do conhecimento traz para a área a maturidade e responsabilidade compartilhada de novas maneiras de conceber a realidade vivida.

Considerando-se que observar o sujeito é retomá-lo dentro da constituição histórica em que vive, na incompletude em que é presentificado, observa-se que a incompletude assumida das formulações teóricas se refazem na imagem do sujeito como atitudes éticas a cada diferente constituição de *significado* que ele vive como pesquisador.

A esse respeito, Bakhtin (1998, p.139) diz que o tema do sujeito que fala tem um peso muito grande na vida cotidiana. Esse autor diz ainda que nessa vida cotidiana ouve-se sempre falar *do sujeito* que fala e *daquilo* que ele fala.

Pode-se mesmo dizer: fala-se no cotidiano, sobretudo, a respeito daquilo que os outros dizem – transmitem-se, evocam-se, ponderam-se, ou julgam-se as palavras dos outros, as opiniões, as declarações, informações; indigna-se ou concorda-se com elas, discorda-se delas, refere-se a elas, etc. (BAKHTIN, 1998, p.139).

De um modo bem resumido, é possível dizer que a vida é feita dos dizeres, das pessoas que dizem e do que é dito, tudo isso numa relação

constitutivamente argumentativa (PLANTIN, 1987/1988). As pesquisas sobre a linguagem podem dialogar entre si e, nessa confluência, os pesquisadores poderão rever resultados, considerando o que está acontecendo na imagem criada de mundo dentro da academia, numa prática ética de construção de *verdades*. Bakhtin (1998) destaca a importância daquilo que *todos dizem* e o que *ele disse*, principalmente: “como é importante o ‘todos dizem’ e o ‘ele disse’ para a opinião pública, a fofoca, o mexerico, a calúnia, etc”. (BAKHTIN, 1998, p.139).

Pensando ainda nesse sentido, as práticas sociais são sempre retomadas e reexaminadas a partir da reflexão que se faz dessas práticas, do que *dizem* nelas, do que *alguém disse* sobre elas. Amorim (2001) contrapondo e caracterizando objetos das ciências exatas e objetos das ciências humanas, considera que o primeiro é um *objeto falado* e o segundo um *objeto falante* (AMORIM, 2009, p. 11). Segundo ainda essa autora, o objeto das ciências humanas é portador de memória porque se constitui como um “*já falado* por outros que vieram antes de mim.” (2009, p. 12) Em relação aos estudos da linguagem inseridos nesse campo das ciências, a construção da imagem de si no social, junto com a reavaliação da prática, traz a reavaliação do *eu* nessa prática, ou desse eu praticando essa ação.

Observe-se ainda que Bakhtin (1998, p.85) aponta que os fenômenos do discurso são definidos por suas orientações dialógicas e que há diferentes formas e graus dessas orientações. Segundo ele, a “atmosfera social do discurso que envolve o objeto faz brilhar as facetas de sua imagem”.(BAKHTIN, 1998, p.85)

O pesquisador, nessa perspectiva, pode operar dentro de uma formação tradicional, vendo o que é *padrão* e justificar essa existência como *naturalizada*, ou pode ainda olhar de novo e perguntar: *quais os objetivos dessas ações no contexto social vivido e o que trazem de consequência para mim e para o outro?*

Essas e outras perguntas podem restituir certas práticas mais autônomas para o sujeito, possibilitando-o, dessa forma, a agir no mundo.

É essa busca, a busca do estranhamento que faz com que haja possibilidade de reestruturação do mundo pensado no coletivo humano. Como consequência da naturalização das ações tem-se a obliteração de um passado construído por razões contextuais que, às vezes, não têm mais justificativas no presente vivido. Se as razões são apagadas e não é dado o direito do conhecimento dessas, não temos como confrontá-las. Já o movimento de estranhamento reconduz o olhar para o mote fundador da ação e desvela os sentidos do passado para reestruturá-los no presente. A



importância da retomada temporal/contextual, já discutida neste artigo, possibilita a perspectiva lacunar no discurso do pesquisador dos fenômenos da linguagem.

Para finalizar a discussão, outro ponto a se destacar e que é importante perceber é o fato de que a situação de responsabilidade não está só para quem, hipoteticamente, pelo lugar em que simbolicamente está, age no *mundo de todos*, ou seja, para aquele que teria poder de promover a mudança coletiva, seja pela formulação de construtos teóricos ou ainda pela divulgação de ideias. Ela também se encontra para os que fazem parte das ações, mesmo que não diretamente, e que também têm, de alguma forma, o poder (de dizer sim, de dizer não, de não dizer nada), mas que, diferentemente daqueles a quem é permitido formular ou divulgar os construtos teóricos, são induzidos a pensar que nada podem.

Veja-se que, por exemplo, as ações da ideologia do cotidiano, ao dialogarem com as demais ações, são formadoras e transformadoras do mundo, mesmo num plano mais micro do mesmo mundo. A análise das constituições éticas é um dos fatores preponderantes para uma atividade acadêmica atualizada e, por isso, contextualizada. E uma pesquisa nesse campo, além de reformular o acontecimento vivenciado no coletivo pelas representações/valorações do pesquisador, ainda reforça ou destrói crenças, posturas éticas etc. Transpondo a discussão na academia, os pensamentos elaborados cientificamente são apropriados pelos sujeitos nas práticas do

cotidiano e transformados em slogans para consumo, dentro dos desdobramentos da modernidade, num processo intencional de naturalização de determinada ordem social, constituindo o princípio de dominação.

Como já foi bem reiterada, a pesquisa que pergunta *como eu vejo o que vejo* inscreve um novo tipo de pesquisador sobre acontecimentos de linguagem e de sujeito da linguagem investigado na sociedade; a postura de ambos é diferenciada por reconsiderarem o papel do homem na natureza e de sua ação organizadora para dar outros sentidos a esse papel. Esse tipo de



pesquisa obriga o pesquisador a implicar-se. O jogo de desejos e de interesses dos outros faz com que o pesquisador perceba seu papel no estudo.

### **Considerações finais**

Foram apontadas algumas questões referentes à responsabilidade nas pesquisas sobre as práticas de linguagem, a construção dos significados na escrita acadêmica dos fenômenos linguístico-dicursivos e ao valor do dizer, considerando esses pontos como partes fundamentais para a reelaboração do conhecimento na área.

A produção de conhecimentos, nessa perspectiva, compromete-se com as relações entre o coletivo e o singular, considerando, dessa feita, as dimensões ética e teórica da existência humana. Reconsidera-se o papel dos estudos de hoje dentro de uma nova responsividade, na revisão dos papéis dos sujeitos de pesquisa que assumem a construção das reflexões teóricas. A compreensão dessa construção é formulada como lugar de mediação e não como lugar de completude e transparência de sentido (AMORIM, 2001, p. 48).

Desse modo, a reelaboração de significados sociais é o norte desse novo pesquisador que assume não só um papel na academia, mas principalmente no mundo no qual e para o qual é autor.

### **Referências**

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**. Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa, 2001.

\_\_\_\_\_. **Memória do objeto** – uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. BAKHTINIANA, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 8-22, 1o sem. 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/2993/1927>> Acesso em: 02 dez. 2013.



BAJTIN, M. M. **Hacia una filosofía del acto ético**. De los Borradores y otros escritos. Trad. Tatiana Bubnova. Anthropos. San Juan: Universidade de Puerto Rico. 1997.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**. A Teoria do Romance. Trad. Aurora F. Bernadini. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1998.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Freudismo: um esboço crítico**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. **O simulacro de um discurso modernizador**. Maceió: Edufal, 2007.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PLANTIN, Crhristian. **Argumenter**. Thèse, Université de Bruxelles, Paris: CNDP, Fiche n° 3, 1987/1988. (mimeo)

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Fazer LINGUÍSTICA aplicada em perspectiva sócio-histórica In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma LINGUÍSTICA aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SOUTO MAIOR, Rita de Cássia. **As teorias e suas verdades relativas**. Revista Espaço Acadêmico. Paraná. N° 71. Abril de 2007. Disponível em: [http://www.espacoacademico.com.br/071/7\\_1lima.htm](http://www.espacoacademico.com.br/071/7_1lima.htm) . Acesso em: 13/07/2012.

Recebido em 13/01/2013.

Aceito em 25/06/2013.

### **Rita de Cássia Souto Maior**

Professora do Curso de Graduação e Pós-graduação (Acadêmica e Profissional) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Participante e uma das líderes do Grupo de Estudos *Ensino e aprendizagem de línguas*. Membro do corpo editorial da Revista Leitura (PPGLL/FALE/UFAL). E-mail: ritasouto@ig.com.br